

Comunicação Comunitária em Periferias de Alagoas: Olhar Solidário em Meio à Pandemia da Covid-19¹

Jamerson dos Santos Farias Soares²

Júlia Barreto Santos³

Manuela Rau de Almeida Callou⁴

Francesca di Paola Braga Rabelo⁵

Resumo

Este trabalho é resultado do projeto de extensão referente à comunicação popular ou comunicação comunitária nas periferias de Alagoas, que teve como objetivo difundir ações solidárias em áreas que moram pessoas em situação de vulnerabilidade socioeconômica por causa da pandemia do novo coronavírus. O artigo tem como intuito analisar os conceitos de comunicação popular, cultura livre, desigualdade, como também a linguagem das matérias e releases, e relatar as vivências dos estudantes no projeto dentro das comunidades de Maceió e de outras regiões do estado. Também será comentada a diferença entre os textos que são publicados na grande mídia e na mídia alternativa. Entendemos que ecoar as vozes de pessoas que precisam de ajuda neste contexto em que vivemos em textos jornalísticos e de divulgação é também estar lado a lado dos direitos humanos. Podemos difundir equidade através da comunicação.

Palavras-chave

Comunicação Comunitária; Coronavírus; Movimentos sociais; Movimento dos Povos das Lagoas; Direitos humanos

¹ Trabalho apresentado no Espaço de Graduação 2: trabalhos de conclusão de curso de cunho aplicado, projetos de extensão e projetos laboratoriais de aspecto teórico-prático - atividade integrante do XV Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas.

² Graduando do curso de Comunicação Social - Jornalismo na Universidade Federal de Alagoas
jamerson.soare@ichca.ufal.br.

³ Graduanda do curso de Comunicação Social - Relações Públicas na Universidade Federal de Alagoas
julliarbarretoos@gmail.com.

⁴ Professora Doutora do Curso de Comunicação Social - Relações Públicas, do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Arte da Universidade Federal de Alagoas. Orientadora do projeto de extensão intitulado: “Comunicação Comunitária dos Movimento dos Povos das Lagoas”, trabalho que dá base para este artigo
manuela.callou@ichca.ufal.br.

⁵ Relações públicas pela Universidade Federal de Alagoas. Militante, produtora cultural e assessora de comunicação do movimento Povos das Lagoas keka_rrpp@hotmail.com.

Introdução

Segundo a escritora Carolina Maria de Jesus (1960), que viveu boa parte de sua vida na favela do Canindé, em São Paulo, autora do livro Quarto de Despejo, “pessoas que moram em favelas próximas a grandes centros urbanos são consideradas quintais onde se pode jogar o lixo, e que os pobres como ela são considerados trastes velhos”.

O pensamento da escritora é semelhante ao pensamento da grande parte da população em situação de vulnerabilidade socioeconômica e cultural no Brasil.

Não só no Brasil, como também em Alagoas, muitas pessoas que moram em periferias se acostumaram às suas condições ou se revoltam, mas não podem fazer nada.

Com a pandemia do novo coronavírus, que abalou as estruturas do mundo em 2020 e ainda em 2021, o cenário da pobreza se agrava. Pessoas que já não tinham o que comer todos os dias, ficaram ainda mais pobres; pessoas ficaram desempregadas; houve demolição de casas e desocupação de áreas onde pessoas vulneráveis moravam; se a população já sofria com a falta de saneamento básico, ela sofreu ainda mais com a crise econômica, entre outras situações.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Alagoas teve a taxa recorde de desemprego em 2020, conseguindo alcançar com 18,6% a segunda colocação no ranking dos 20 estados com taxa recorde, ficando atrás apenas de Bahia (19,8%).

Para tentar reverter esse momento de crise, muitas pessoas têm optado por serem vendedores ambulantes, em realizar trabalhos culturais por meio de lives em casa, criação de ações solidárias nas comunidades periféricas e auxílio de movimentos sociais. A comunicação popular entra nessa questão como uma ponte do desconhecido para as grandes corporações midiáticas. É através dela que trabalhos e ações solidárias nas comunidades estão sendo reconhecidos.

Os principais mediadores entre as necessidades de um povo e ida aos espaços públicos, com direito a confrontos pacíficos a fim de conseguir benefícios para a comunidade, são os movimentos sociais. É por meio deles que lutas são conquistadas, vozes são ouvidas, necessidades são atendidas pelo poder público e pela sociedade civil.

A soma da comunicação comunitária, mídias alternativas e os movimentos sociais resulta na propagação da luta de pessoas que sempre viveram à margem da sociedade.

Comunicação comunitária e os movimentos sociais

Com o surgimento da Indústria cultural, expressão que dá nome ao movimento crescente da tecnologia no mundo depois da Segunda Guerra Mundial, a comunicação é ampliada também em espaços populares, como uma espécie de arena de luta, onde as reivindicações populares eram reproduzidas não só nas ruas, mas também na cultura tecnológica.

A partir do surgimento da Indústria Cultural, e sua produção, a Cultura de Massa, uma “corrente otimista” do pensamento social, passa a ver nesta indústria a possibilidade de ampliação dos espaços populares, a arena da luta que, mesmo em condições absolutamente desiguais, ainda assim é local de embate e de possibilidades para as forças e reivindicações populares. A comunicação/cultura popular como matéria-prima dessas manifestações, teriam agora além da praça, dos redutos associativos, das ruas, também os meios de comunicação como espaços de expressão de suas culturas. (PEREIRA, 2004, p. 6)

A comunicação e a liberdade de opinar e se expressar é um direito inerente a todo aquele que vive em uma civilização, segundo o artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos. “Todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; esse direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras”.

A partir disso, a comunicação tem se ampliado cada vez mais em grandes empresas de comunicação. Essas empresas costumam editar, mascarar toda informação de denúncia ou de necessidades que existem em áreas vulneráveis socialmente, deixando para último caso a visibilidade dessas comunidades.

Em compensação, os movimentos sociais criaram seus próprios mecanismos e estratégias para ampliar as vozes que não são ouvidas.

Cicilia Peruzzo, pesquisadora em comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, em seu artigo “A comunicação nos Movimentos Sociais: exercício de um direito humano”, em 2010, explica o significado de um movimento social e suas funcionalidades, como também eles conseguem se mobilizar na internet a fim de ganhar mais engajamento nas lutas. Segundo Peruzzo, os movimentos sociais são artífices de primeira ordem no processo de transformação social.

Movimentos sociais são articulações da sociedade civil constituídas por segmentos da população que se reconhecem como portadores de direitos, mas que ainda não são efetivados na prática. Aqueles de base popular se

organizam na própria dinâmica de ação e tendem a se institucionalizar como forma de consolidação e legitimação social. Enquanto forças organizadas, conscientes e dispostas a lutar, são artífices de primeira ordem no processo de transformação social, embora um conjunto de fatores (liberdade, consciência, união) e de atores (pessoas, igrejas, representações políticas, organizações) se soma para que mudanças se concretizem. (PERUZZO, 2010, p. 1)

Por causa do cerceamento da liberdade de expressão por meio da grande mídia, os movimentos sociais utilizam a comunicação comunitária com a criação de jornais de baixo custo, rádio comunitária, blogs, website na internet, ou até perfis no Instagram objetivando o compartilhamento de fotos, vídeos, relatos de pessoas que moram em comunidades periféricas, utilizando-se também de uma linguagem denunciatória.

Comunicação comunitária entende-se como um meio de reverberação de vozes das comunidades periféricas. Elas querem ser vistas, ouvidas e reconhecidas pelo poder público, a fim de que suas necessidades sejam atendidas. Essas pessoas almejam uma espécie de justiça social para os mais pobres, uma igualdade de direitos básicos como o saneamento básico, iluminação nas ruas, saúde, praças revitalizadas, moradia digna, entre outros.

O Movimento dos Povos das Lagoas

A região Lagunar é composta por uma faixa litorânea localizada à margem das lagoas Mundaú e Manguaba, em Maceió, capital de Alagoas. Nesta faixa de encontro a Orla Lagunar, que abrange os bairros Vergel do Lago, Bom Parto, Ponta Grossa, Mutange, Levada, Bebedouro, entre outros. Nesses bairros, uma população vulnerável descendente de quilombolas, indígenas, latinos e ciganos se aloca e sobrevivem sob uma espécie de subsistência por meio da venda de mariscos, peixes, sururus e moluscos.

A Orla Lagunar é um ponto marcante e pouco visto pelo poder público de Alagoas. Há uma ausência de infraestrutura adequada, falta limpeza dos lixos, que se acumulam em buracos e no meio das ruas. Falta também ônibus que passem pela região, como também há uma ausência forte de segurança, iluminação e saneamento básico. Além disso, a grande maioria dos moradores da região mora em barracos e não tem condições financeiras para fazer uma revitalização.

Figura 1 - foto da parte da Orla Lagunar com lixo, sem estrutura e falta de segurança



Fonte: Jamerson Soares

Pensando em lutar em favor dos direitos à sobrevivência digna aos mais vulneráveis da Orla Lagunar e preservar as manifestações culturais da comunidade, o Movimento dos Povos das Lagoas, grupo que é composto por representantes e ativistas de mais de 90 instituições voluntárias, ONGs, intelectuais e entidades, foi criado na região. Eles resistem desde 2017, ano de sua fundação.

Entre as entidades que fazem parte do Movimento estão o Instituto Quintal Cultural, Vila Brejal, Escola Nosso Lar, O Quê do Movimento, Instituto para o Desenvolvimento das Alagoas (Ideal), Produção e Comunicação Keka Rabelo, e o Projeto Alternativo de Apoio a Meninos e Meninas de Rua (Projeto Erê).

Apesar das dificuldades encontradas nessa população que se encontra em situação de vulnerabilidade social, o local é palco para eventos culturais, festas tradicionais, corridas de canoa, produção cultural, festas de carnaval criadas pelos próprios moradores e voluntários; há igrejas, como também há moradores que vendem variados tipos de bebidas: uma diversidade em um único espaço.

Parte da economia de Maceió, como também de Alagoas, segundo dados do Movimento dos Povos das Lagoas, tem como principal base a venda de mariscos pelos próprios moradores da região Lagunar. Porém, o Estado não dá as mínimas condições para sobrevivência e moradia a essas comunidades.

Comunicação Comunitária no Movimento dos Povos de Alagoas

O projeto de extensão é composto por Jamerson Soares e Júlia Barreto, estudantes de Jornalismo e Relações Públicas, respectivamente, sob coordenação da professora doutora em Relações Públicas, Manuela Callou e com coordenação adjunta da assessora e militante cultural, Keka Rabelo.

Era final de janeiro de 2020, quando Jamerson Soares e Jullia Barreto, foram selecionados para participar do projeto “Rádio de Comunicação Comunitária” da Pró-reitoria de Extensão da Universidade Federal de Alagoas (Ufal).

O foco principal seria construir uma relação com o Movimento dos Povos das Lagoas, ecoar vozes e produzir comunicação nas comunidades da região Lagunar com o objetivo de integrar o povo à universidade e à sociedade civil. Seríamos um suporte para a comunicação naquela região.

Ainda em janeiro foram realizadas algumas reuniões de planejamento para designar funções, estudar temas referentes à comunicação popular e a força da comunidade, conhecer alguns integrantes do Movimento dos Povos das Lagoas e realizar um cronograma de ações no local. A rádio comunitária seria uma mola propulsora para o povo participar do ato de comunicar dentro de seu próprio meio.

Em fevereiro a equipe, inicialmente formada por 6 pessoas, começou a se programar para fazer visitas na região Lagunar para realizar um estudo do meio, localizar e analisar as problemáticas do local, analisar a estrutura da futura rádio, observar o comportamento daquele espaço e entender a fundo o que se passa em uma população que não é muito vista pelo poder público. Dois integrantes do Movimento acompanharam o grupo a princípio para escutar o que tinham para dizer em relação às demandas do Movimento para aquela comunidade.

Jamerson ficou responsável por tirar fotos do espaço, da estrutura, do lixo acumulado, de pontos marcantes do local e também de deixar anotado tudo que os integrantes diziam. A Jullia ficou responsável por analisar o visual da rádio, prestou atenção nos moradores e nas histórias daquela região, como também fez anotações e registros para as redes sociais.

Na área, os integrantes do Movimento tentam sempre valorizar e deixar vivas as tradições da comunidade, através de manifestações culturais. Os moradores do local são bem comunitários, a maioria pescadores e marisqueiras (os). Um dos eventos de grande relevância cultural que ocorre todo ano na região é o “Mundaú Lagoa Aberta”, criado pelo Movimento dos Povos das Lagoas com apoio cultural do município. Esse evento visa convidar atrações

musicais, de dança, teatro, sempre tendo como base a matriz de religião africana, para serem apresentados à comunidade e para que a própria comunidade participe junto. Para cada edição há um tema sociocultural que é discutido na sociedade como, por exemplo, a valorização das mulheres, homenagens à descendentes de quilombolas do passado, questões de negritude, entre outros.

Foi discutido também, para a execução do projeto de extensão na comunidade, a logomarca do projeto e seu visual com a professora Manoela Neves, que saiu do projeto após a paralisação por conta da Covid-19.

Antes do carnaval, ainda não havia indícios de que a pandemia da Covid-19 estaria em Alagoas, por isso o grupo continuou a realizar eventos de forma presencial. Enquanto o projeto da rádio não se concretizava por completo, os alunos Jullia e Jamerson ficaram na parte da assessoria junto com Keka Rabelo, uma das intermediadoras de muitos movimentos sociais e culturais da periferia de Maceió e adjacências. Os dois alunos auxiliaram nos releases, na criação de matérias jornalísticas, registros fotográficos e apoio na produção das edições do Mundaú Lagoa Aberta, além de outras ações do Movimento. Entre fevereiro e novembro, mais de 60 releases e matérias foram escritos para envio para as mídias alagoanas como uma forma de atrair os olhares à parte periférica da cidade.

No início de fevereiro, o carnaval batia à porta. Um evento que o grupo do projeto atuou junto ao Movimento dos Povos das Lagoas na parte da comunicação foi a “23ª Edição Contra a Intolerância Religiosa – Em Memória da Quebra de Xangô e Abertura do Carnaval 2020”⁶. Nele, através de um convênio firmado entre a prefeitura e o Movimento, várias atrações artísticas e culturais foram convidadas para se apresentarem próximo ao Monumento, no bairro Vergel do Lago.

Para o evento foram convidados vários grupos de religião de matriz africana, grupos musicais e de dança, além de grupos teatrais. Um cortejo foi realizado próximo às residências da região por um dos grupos de religião de matriz africana, aos embalos de instrumentos de percussão.

⁶ BARRETO, Jullia. 23ª Edição Contra a Intolerância Religiosa – Em Memória da Quebra de Xangô e Abertura do Carnaval 2020. Alagoas24Horas, Maceió, Alagoas. 30 de janeiro de 2020. Disponível em: <<https://www.alagoas24horas.com.br/1269917/23a-edicao-contra-a-intolerancia-religiosa-em-memoria-da-quebra-de-xango-e-abertura-do-carnaval-2020/>>. Acesso em 3 de abril de 2021.

Figura 2 - foto do cortejo de grupos e matriz africana no Mundaú Lagoa Aberta



Fonte: Jamerson Soares

A rádio do projeto de Comunicação Comunitária ainda não estava pronta e, por isso, parte do grupo e os bolsistas continuaram a ajudar o Movimento dos Povos das Lagoas criando materiais informativos para compartilhar nas mídias locais. Algumas pessoas que foram convidadas para participar do projeto decidiram sair, e continuou apenas a coordenadora, os dois bolsistas e a militante cultural Keka Rabelo.

Em março, houve uma reunião decisiva entre autoridades do poder público de Alagoas, moradores da região Lagunar, intelectuais e integrantes de movimentos da orla Lagunar em uma audiência pública e presencial. Nesta audiência foram discutidos e reivindicados pontos como a revitalização da Orla Lagunar, a presença de segurança no local, melhor infraestrutura, moradia para a população e eventos que deveriam ser realizados.

No final da audiência houve até uma manifestação na porta da sala de um grupo de alunos menores de idade que estudam na Escola Nosso Lar, localizada na região Lagunar, pedindo mais atenção àquela área da Lagoa Mundaú. Essas matérias eram enviadas por e-mail ou por WhatsApp de mídias alternativas, independentes e que não fazem parte da grande mídia, e também para grandes veículos de comunicação.

Universidade popular na pandemia da Covid-19

Antoine Moreau⁷, artista e um dos fundadores do Coletivo Atitude Co-pyleft e um dos colaboradores ativos na elaboração da Licença da Arte Livre, escreveu em seu artigo intitulado “Sobre arte livre e cultura livre”, em 2012, que na era tecnológica o termo “cultura” sofreu uma adaptação, pois as pessoas estão mais livres para expressar suas ideias e esperanças na internet e que todos têm o direito de ler, estudar, ouvir produtos compartilhados na rede. Essa rede pode auxiliar multidões e ações colaborativas.

Se entendermos por “cultura” aquilo que “permite que o homem não somente se adapte ao seu ambiente, mas também o que permite adaptar o ambiente a necessidades e projetos do homem”, então “Cultura Livre” é uma adaptação a este novo dado natural, que é não-material, mas que também “permite a transformação do dado natural” por ferramentas digitais. Devemos reconhecer este novo paradigma como consequência de uma nova visão dogmática. Ou seja, a Cultura Livre, como a cultura de um modo geral, deve encontrar algo que mantenha a sociedade e seus sujeitos inseridos nela. (MOREAU, 2012. p.161)

Nesse sentido, e em um contexto pandêmico que começou no começo de abril de 2020, o Movimento dos Povos das Lagoas e o projeto de extensão convergiram. Ações solidárias e colaborativas realizadas por integrantes do movimento nessas comunidades foram assunto para matérias e releases criados pelos bolsistas do projeto. Foram utilizados o perfil do Instagram do Movimento para postar fotos de pessoas que passavam por dificuldade, relatos e dados daquela região; entrevistas para as matérias jornalísticas eram sempre feitas por celular (ligação ou WhatsApp) com líderes dos moradores.

Com o isolamento social imposto pela pandemia, o projeto foi mesclado a outro projeto ainda maior, que ampliou para mais comunidades de Alagoas. Povos indígenas, comunidades ribeirinhas e quilombolas, moradores da região Lagunar e periferias, LGBTQIA+, foram implementados no projeto. Além de matérias e releases feitos para movimentos sociais da região Lagunar, seriam realizados também para ações feitas nessas populações.

O projeto foi ampliado e foram convidados mais bolsistas e voluntários de jornalismo e relações públicas da Ufal. Intitulado “Bureau de Comunicação Comunitária on-line no combate à Covid-19”, esse projeto tinha como objetivo ecoar ações realizadas dentro das comunidades em vulnerabilidade, que tinha o intuito de fortalecer os integrantes dessas comunidades.

A partir de diversas reuniões com o grupo, foi feito uma logomarca do projeto para o Instagram @bureaucomunitario e cards para dar mais visibilidade aos movimentos aos quais

⁷ MOREAU, Antoine. Sobre arte livre e cultura livre. In: MOREAU, Antoine. Copyright: Pirataria & cultura livre. Rio de Janeiro: Azougue, 2012. p. 159-165.

o projeto estava vinculado. Para facilitar o trabalho e para ter dinamismo, o projeto foi dividido em cinco eixos:

- Eixo 1 - Movimento dos Povos das Lagoas
- Eixo 2 - Povos Indígenas e comunidades Quilombolas
- Eixo 3 - Arte e cultura
- Eixo 4 - Moradia
- Eixo 5 - Institucional (Ufal)

Figura 3 e 4: logomarca do projeto Bureau e card do eixo 1



Fonte: Instagram do projeto

Uma das matérias jornalísticas que foi feita na época falava sobre um tipo de metodologia onde seriam utilizados medicamentos homeopáticos naturais para criar imunidade no organismo contra o novo coronavírus⁸. Essa ação foi protagonizada por médicos e pesquisadores de Carurau (PE) em comunidades quilombolas de Alagoas.

Outra matéria, com conteúdo informativo sobre as ações que eram realizadas na periferias em forma de release, falava sobre uma ação chamada “Magia da Terra”⁹, da Koram Xukuru-Kariri, é um projeto inovador e que visa a manutenção da imunidade dos indígenas da

⁸ SOARES, Jamerson. Metodologia BioFAO pode levar reestruturação física e mental as comunidades quilombolas e indígenas de Alagoas em meio à Covid-19. O Dia Mais, Alagoas, 15 de jul. de 2020. Disponível em: <<https://odiamais.com.br/metodologia-biofao-pode-levar-reestruturacao-fisica-e-mental-as-comunidades-quilombolas-e-indigenas-de-alagoas-em-meio-a-covid-19/>>. Acesso em: 4 de abril. de 2021.

⁹ INDÍGENAS de Palmeira dos Índios distribuem sopão para crianças e idosos. Sete Segundos, Alagoas, 30 de mai. de 2020. Disponível em: <<https://arapiraca.7segundos.com.br/noticias/2020/05/30/150551-indigenas-de-palmeira-dos-indios-distribuem-sopao-para-criancas-e-idosos>>. Acesso em: 4 de abril. de 2021.

etnia Xukuru-Kariri por meio de uma alimentação com produtos orgânicos, uso de ervas medicinais, retirados diretamente da terra, sem conservantes ou agrotóxicos. Koram, junto a voluntários, participa do cultivo e da colheita, como também cozinha e distribui sopas nutritivas para idosos e crianças. Essa alimentação nutritiva, segundo Koram, serviu para combater os sintomas do novo coronavírus, como também para fortalecer o corpo e o espírito.

Era outubro de 2020, ainda em pandemia, quando moradores da periferia no conjunto Eustáquio Gomes, na Cidade Universitária e integrantes de religião matriz Afro-brasileira estavam inconformados com as demolições que a Prefeitura de Maceió realizou no local¹⁰. O momento era de denúncia e repúdio por parte dos moradores, pois a prefeitura alegava que os moradores estavam na região sem autorização e que a terra pertencia ao órgão. Esse assunto foi repercutido na grande imprensa por causa da matéria que o projeto fez, o que deu mais visibilidade às necessidades daquela comunidade. Os moradores não tinham para onde ir.

Resultados

A pandemia da Covid-19 ocasionou impactos econômicos nos bolsos de diversas famílias alagoanas. Mães solteiras que criam seus filhos sozinhas sem ajuda financeira precisam de doações de alimentos e produtos de higiene, como também máscaras de proteção facial e álcool gel 70%. Os filhos de pais desempregados tiveram que continuar recebendo merenda da escola pública porque, como as aulas presenciais tinham sido suspensas, não estavam indo mais para as escolas e não tinham condições.

Ações que arrecadaram alimentos, agasalhos, máscaras, produtos de higiene pessoal, álcool gel, entre outros, foram criadas com o intuito de ajudar essas famílias. Pessoas que sobreviviam do sururu, peixes e mariscos da Lagoa Mundaú já não conseguiam mais se sustentar porque as vendas caíram por causa da pandemia. Na região Lagunar também houve ações solidárias para dar suporte a esses trabalhadores.

Na parte da comunicação, o projeto chegou junto aos movimentos sociais para ouvir o que os moradores em vulnerabilidade estavam precisando, para ouvir os integrantes dos

¹⁰ SOARES, Jamerson. Moradores, Movimentos Sociais e Casas de matriz Afro-Brasileira repudiam demolições e desocupações forçadas pela prefeitura na parte alta de Maceió. O Dia Mais, Alagoas, 23 de abr. de 2020. Disponível em:

<https://odiamais.com.br/moradores-movimentos-sociais-e-casas-de-matriz-afro-brasileira-repudiam-demolicoes-e-desocupacoes-forçadas-pela-prefeitura-na-parte-alta-de-maceio/>. Acesso em: 3 de abril de 2021.

movimentos em relação às ações que estavam sendo realizadas para, enfim, construir matérias jornalísticas e releases sobre a situação dessas pessoas.

Do final de janeiro para o final de março, o projeto realizou cerca de 20 matérias e 20 releases sobre assuntos como doações, falta de alimentação, de segurança, ausência de moradia, audiências públicas com movimentos sociais e moradores das localidades, entre outros assuntos.

Entre o começo de abril de 2020 e janeiro de 2021, foram feitas cerca de 40 matérias jornalísticas e releases.

Uma das ações auxiliadas pela divulgação, que foi realizada pelo projeto, foi a distribuição de merenda escolar e ações pedagógicas pela Escola Municipal Nosso Lar, localizada no bairro Vergel do Lago¹¹. Lá a diretora, os professores e trabalhadores do local davam sopa, produtos de higiene, máscara e cadernos de atividades para os alunos e as famílias.

O projeto de comunicação comunitária também participou de duas temporadas de um evento on-line do projeto Bureau, intitulado “Conversa de Bureau: Movimentos sociais na pandemia”, que aconteceu entre agosto e outubro de 2020.

O evento foi gratuito e transmitido por meio de lives no Instagram do projeto, e por meio de rodas de conversa no canal do Youtube da universidade, Prograd Ufal. O evento também teve apoio da Agência Experimental de Relações Públicas da Ufal (Agerp-Ufal), um espaço de troca entre professores e estudantes do bloco de comunicação do curso de Relações Públicas com o intuito colocar na prática o que aprendeu no curso, através de criação de eventos na universidade ou fora, auxílio na comunicação interna, entre outras funções.

Foram convidados para o evento líderes religiosos de matriz afro-brasileira, líderes comunitários, integrantes de movimentos sociais, culturais, artistas, liderança das marisqueiras da Lagoa Mundaú, pesquisadores da área dos direitos humanos e professores. Assuntos como a revitalização da orla lagunar, ações em comunidades quilombolas em meio a Covid-19, falta de apoio aos artistas em Alagoas, entre outros, foram discutidos nas transmissões.

¹¹ Escola Municipal Nosso Lar promove ações para a comunidade da Orla Lagunar. Tribuna Hoje, Maceió Alagoas, 9 de maio de 2020. Disponível em: <<https://tribunahoje.com/noticias/cidades/2020/05/09/escola-municipal-nosso-lar-promove-acoes-para-a-comunidade-da-orla-lagunar/>>. Acesso em 4 de abril de 2021.

Considerações finais

Os acontecimentos e as necessidades dentro de comunidades periféricas muitas vezes são abafados por justamente não terem um acompanhamento, um movimento social de cunho jornalístico e comunicacional que os auxiliem. A maioria dos assuntos que são divulgados e notificados são as ONGs ou a mídia alternativa dos próprios movimentos sociais de Alagoas que compartilham na internet.

A internet por ser um meio de comunicação abrangente e democrático, tem um poder de suporte relevante nessas comunidades, até para quem não tem computador ou celular, a informação será difundida de alguma forma.

Estamos em um mundo contemporâneo, onde a internet tem sido um mecanismo e estratégia para organizações midiáticas comunitárias, utilizando-se da colaboratividade e da comunicação participativa, cuja base é tão somente o povo.

Se antes o papel do jornalismo na democracia era de fiscalizar os representantes do povo e levar as informações ao conhecimento do público, hoje, com o excesso de informação e milhares de produtores de conteúdo, o jornalismo deve exercer o papel de contextualizar/aprofundar essas informações, para assim propiciar e fomentar a participação pública. É ser aliado do público, já que agora eles também possuem as informações. (D'ARCADIA, João Guilherme. MORAES, Thais, 2015. p. 2)

Por outro lado, mesmo com o mundo amplificado que é a internet, há os ataques antidemocráticos, racistas, xenófobos e de cunho depreciativo referentes às classes sociais das pessoas. Ainda assim, existem movimentos sociais que lutam por direitos civis dentro e fora da internet para essas comunidades, a fim de adquirir igualdade; é uma luta infinita e cíclica, ou seja, uma luta incansável, contínua.

Muitas comunidades têm utilizado as redes sociais para divulgar os projetos sociais das regiões mais afetadas pela pandemia. Seja por divulgação de cartazes pedindo doações, seja por criação de logomarca de projetos e, conseqüentemente, de seguidores/doadores. As grandes corporações midiáticas, por estarem sob a proteção do capitalismo e da distribuição desigual dos recursos, não divulgam com frequência as necessidades do povo vulnerável.

Aliado ao povo, às necessidades do povo, das comunidades, dos movimentos sociais, a comunicação terá um papel importante na reprodução meramente pura da realidade nas mídias digitais e televisivas.

Referências

BEZERRA, Juliana. **Desigualdade social no Brasil**. Toda Matéria. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/desigualdade-social-no-brasil/>>. Acesso em: 3 de abril de 2021.

D'ARCADIA, João Guilherme. MORAES, Thais. **Jornalismo Comunitário e a Web como solução**. Intercom. Faculdades Integradas de Jaú, Jaú, SP. Universidade Metodista de São Paulo. 2015

Declaração Universal dos Direitos Humanos. Unicef. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em: 4 de abril de 2021.

Desemprego bate recorde em Alagoas em 2020, diz IBGE. G1 Alagoas, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2021/03/10/desemprego-bate-recorde-em-alagoas-em-2020-diz-ibge.ghtml>>. Acesso em: 3 de abril de 2021.

MARTINS, Helena. **Comunicação: reconhecimento como direito humano fundamental é recente**. Agência Brasil. Brasília, 2014. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-10/comunicacao-reconhecimento-como-direito-humano-fundamental-recente>>. Acesso em: 4 de abril de 2021.

MOREAU, Antoine. **Sobre arte livre e cultura livre**. In: MOREAU, Antoine. Copyfight: Pirataria & cultura livre. Rio de Janeiro: Azougue, 2012. p. 159-165.

PEREIRA, Lúcia. **Comunicação popular: para além do bem e do mal**. Rio de Janeiro, 2004.

PERUZZO, Cicilia. **A comunicação nos movimentos sociais: exercício de um direito humano**. Revista acadêmica de Lá Federación Latinoamericana de facultades de comunicación social - Diálogos. Colombia, 2010.

PERUZZO, Cicilia. **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor**. ECO-pós, v. 12, n. 2. Maio-agosto de 2009, p. 46-61.